

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT12.006](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT12.006)

# AS NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA EJA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E (RE) ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA

**FABRÍCIA SALES ARAÚJO VIEIRA**

Doutoranda pelo Curso de Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, [fabriciasalesaraujovieira@gmail.com](mailto:fabriciasalesaraujovieira@gmail.com);

**ÁUREA DA SILVA PEREIRA**

Professor orientador. Doutora pelo Curso de Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, [aureauneb@gmail.com](mailto:aureauneb@gmail.com);

## RESUMO

As Narrativas dos Sujeitos da EJA como Instrumento de Formação e (Re) organização Metodológica, é uma pesquisa de doutoramento em andamento na cidade de Salvador, em salas de aulas de EJA I (Educação de Jovens e Adultos - Ensino Fundamental I), numa escola situada na periferia da cidade, sobrevivente ao desmonte da EJA e que ainda oferta a modalidade. A pretensão é investigar as práticas pedagógicas realizadas nas salas de aula, observando quais dispositivos podem ser revisitados nas práticas pedagógicas dos educadores, no sentido de fortalecer as metodologias utilizadas em sala. Trata-se de um trabalho investigativo amplo com os sujeitos e os lócus da pesquisa, de caráter subjetivo. A investigação será conduzida pela abordagem qualitativa, com ênfase na pesquisa (auto) biográfica e metodologia colaborativa. No primeiro momento, um estudo das trajetórias de formação dos educadores e das vivências dos educandos, através de entrevistas biográficas. No segundo momento, após a constatação das práticas pedagógicas da EJA, utilizarei a pesquisa colaborativa para desenvolver um trabalho de formação com esses educadores, com destaque a desenvolver práticas pedagógicas que possam contribuir com a aprendizagem dos estudantes da EJA. Como aporte teórico inicial, traremos contribuições de Arroyo (2001), Delory-Momberger (2012), Freire (1983, 1996), Pimenta (1998; 2000), Imbernón (2001), Nóvoa (1992; 2010), Pereira (2015), Souza (2015), Tardif (2002). Inseridos nesse processo

de aprendizagem e formação, os educadores detêm a responsabilidade de orientar e direcionar o aprendizado, para isso, mune-se de práticas, instrumentos pedagógicos e métodos de ensino. Assim, busca-se também entender como se dá o processo educativo formativo dentro da sala de aula. Contudo, mesmo perante práticas metodológicas e instrumentos diversos nem sempre se pode garantir aprendizagens qualitativas para esses sujeitos, espera-se que este estudo possibilite para esse público um olhar atento para tais práticas revitalizando-as em favor da EJA.

**Palavras-chave:** EJA, Narrativas, Formação, Práticas Pedagógicas

## INTRODUÇÃO

---

Enquanto pesquisadora, penso que investigar na EJA<sup>1</sup> é um privilégio, diante da riqueza e do aprendizado que essa modalidade de ensino traz intrínseca, contudo, como é de nosso conhecimento diversos motivos contribuíram ao longo da história com a ausência de olhares para os seus sujeitos. Diversos aspectos como: falta de investimentos, desvalorização; formação inadequada dos profissionais; inexistência de recursos; descumprimento da legislação, dentre outros, porém, a inclinação para a pesquisa, parte avidamente do fator identificação com essa modalidade de ensino tão cativante que é a EJA e seus sujeitos. O contato com a EJA se faz presente desde o início da minha profissão quando me formei no curso de magistério (equivalente ao Ensino Médio da atualidade) e em seguida fui trabalhar com os jovens e adultos, onde permaneço até hoje. Iniciei como professora substituta de Ciências Naturais do Ensino Fundamental II, com o tempo após o curso de pedagogia atuei nos anos iniciais da EJA, já fiz parte da gestão e hoje sou coordenadora pedagógica.

Atualmente sou aluna regular do Programa de Pós – Graduação em Crítica Cultural/ Doutorado – UNEB<sup>2</sup>, onde faço parte da Linha de Pesquisa 2: Letramento, Identidades e Formação de Educadores, e do grupo de pesquisa GPLIN<sup>3</sup>. Enxerguei a possibilidade de estender minha pesquisa dando continuidade à investigação, desenvolvida durante a dissertação de mestrado, onde pesquisei: Os Sentidos dos saberes (auto) biográficos docentes de uma professora da EJA dentro do processo de formação continuada. Após a conclusão dessa etapa, percebi a necessidade de prolongar a investigação associando-a ao trabalho docente e a (re) organização metodológica desse educador da EJA, com foco na melhoria da aprendizagem desses sujeitos, tendo as narrativas como fator de relevância para o desenvolvimento da pesquisa.

Tendo em vista que o processo formativo contínuo do Educador ocorre ao longo de sua existência e em todas as instâncias e etapas da sua vida, então além de compreender e ter consciência do seu processo formativo, o educador necessita utilizar-se desse aprendizado constante para visitar seus processos e escolhas

---

1 Educação de Jovens e Adultos.

2 UNEB – Universidade do Estado da Bahia

3 Grupo de Pesquisa Letramentos, Identidades e Narrativas.

metodológicas continuamente, tendo em vista as especificidades do público e de cada um de seus educandos da EJA. Para realizar esses ajustes metodológicos dentro da EJA, é necessário sensibilidade, diálogo, escuta, observação e vontade de fazer a EJA continuar acontecendo com a qualidade de trabalho, formação e aprendizagem merecidas.

Perante as dificuldades enfrentadas ao longo de sua história e com a Pandemia da Covid-19<sup>4</sup>, cada vez está mais difícil manter a EJA viva e atuante, pois, o fato desses educandos estarem afastados da escola no período de fechamento das mesmas, causou um impacto gigantesco para os seus sujeitos, devido às dificuldades de adaptação à nova rotina, ao acesso remoto, quando ofertado, a necessidade de apoio para realização das atividades. Enquanto, os alunos em idade regular, não partilhavam em grande maioria desses problemas, mas, provavelmente, de outros. Como os educadores também enfrentaram dificuldades específicas e particulares dentro de suas redes pedagógicas de ensino para continuar atuante neste período de escolas fechadas. Contudo o grande desafio da EJA ainda estava por vir. O temor era o retorno desses alunos à escola depois desse grande intervalo fora das salas. Um dos fatores que comprometem o funcionamento e aprendizagem na modalidade, é a evasão que ainda é muito frequente.

Esta investigação em andamento numa escola da rede municipal da cidade de Salvador, com uma turma de EJA-I anos iniciais, tem com objetivo geral: compreender, correlacionar as narrativas de si dos sujeitos da EJA como fator essencial para uma revisão e (re) organização metodológica desta Modalidade de Ensino, assim como nos seus aspectos formativos. Trazendo os seguintes objetivos específicos para formatação da pesquisa:

- Investigar os sujeitos da EJA integrantes da Educação Básica, suas vivências; diálogos; histórias de vida, relacionando-as ao trabalho docente e a oferta metodológicas desenvolvida. Identificar e Analisar se a escolha metodológica atende às reais necessidades de aprendizagem desses sujeitos.

4 A **pandemia de COVID-19**, também conhecida como **pandemia de corona vírus**, é uma pandemia em curso de COVID-19, uma doença respiratória causada pela corona vírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2).

- Demonstrar e valorar as histórias, vivências e diálogos como elementos primordiais para (re) organização do trabalho docente, efetivação da aprendizagem e formação do educador durante o processo;
- Possibilitar uma (re) adequação do material didático pensado para EJA inicialmente dentro da organização do trabalho docente proposto nos lócus da pesquisa.

Diante do exposto, proponho nesta investigação, um estudo que envolva todos os sujeitos da EJA no Ensino Fundamental I, da Educação Básica, educador e educando, onde ambos sejam protagonistas na Educação de Jovens e Adultos. Utilizando as histórias de vida e narrativas como elementos primordiais para avaliação, revisão, (re) organização metodológica do processo de ensino e aprendizagem dos educandos jovens, adultos e idosos, para que o mesmo seja significativo para cada um deles e continue propiciando a esses protagonistas a possibilidade de reconhecer-se como elementos essenciais do seu processo de aprendizagem e formação enquanto sujeitos.

## **METODOLOGIA**

---

A pesquisa de campo será desenvolvida em uma classe de TAP III, com uma frequência média de 11 alunos e um professor que chamarei aqui de R.V, esse educador também é professor no diurno, porém está temporariamente na gestão de uma outra escola do Ensino Fundamental I. A escola faz parte da rede municipal de Salvador, para isso, faz-se necessário explicar como funciona a organização da EJA atualmente no município. Após a Resolução Municipal de Salvador do ano de 2013 que versa sobre o ensino da EJA em seu artigo 6º. A nomenclatura utilizada é TAP – Tempo de Aprendizagem, temos então para o Ensino Fundamental I: TAP I; TAP II e TAP III compondo o primeiro ciclo. Para o Ensino Fundamental II: TAP IV e TAP V, finalizando o ciclo de Ensino Fundamental. Ainda no mesmo artigo que segue no texto, podemos verificar aspectos referentes aos critérios de aprovação, reprovação e frequência.

Art. 6º A estrutura dos cursos da educação de jovens e adultos, respeitadas as orientações e diretrizes nacionais terá a seguinte organização: I - EJA I - integraliza os anos iniciais do ensino fundamental com duração de 2.400 horas distribuídas em três anos formativos: a) Tempo de

Aprendizagem I - com ênfase nos processos de alfabetização e letramento, devendo ser garantida aos educandos a progressão continuada para o Tempo de Aprendizagem II, baseada em estratégias pedagógicas que garantam um atendimento diferenciado no decorrer de todo o processo educativo; b) Tempo de Aprendizagem II - com promoção para o Tempo de Aprendizagem III ou escolaridade equivalente; c) Tempo de Aprendizagem III - com promoção para a EJA II ou escolaridade equivalente. II - EJA II - integraliza os anos finais do Ensino Fundamental com duração de 2.000 horas distribuídas em dois anos formativos: a) Tempo de Aprendizagem IV - com promoção para o Tempo de Aprendizagem V ou escolaridade equivalente; b) Tempo de Aprendizagem V - com promoção para o Ensino Médio ou escolaridade equivalente. Parágrafo único. Em nenhuma hipótese poderá haver retenção do educando no Tempo de Aprendizagem I, devendo apresentar, no entanto, a frequência mínima exigida.

Tendo em vista a necessidade de um trabalho investigativo amplo com os sujeitos e lócus da pesquisa, além do seu caráter subjetivo, o trabalho será conduzido pela abordagem qualitativa, com ênfase nas narrativas dos sujeitos como prioridade na realização da proposta de intervenção dentro da sala de aula. Dessa forma inicialmente a pesquisa será conduzida pelo método (auto) biográfico, que prioriza as histórias de vida, não apenas como mecanismo de colaboração com a ciência, mas, também como forma de colocar os sujeitos como protagonistas no processo investigativo além da sua essência formativa.

Nesse contexto, a abordagem qualitativa revela-se crucial, uma vez que permite uma imersão mais profunda nos contextos individuais dos sujeitos, destacando a importância das narrativas pessoais como fio condutor da pesquisa. Ao adotar o método (auto) biográfico, a investigação transcende a mera coleta de dados, proporcionando um espaço para que os participantes se tornem ativos na construção do conhecimento, sendo protagonistas na revelação de suas experiências. Essa perspectiva não apenas enriquece a compreensão das dinâmicas da sala de aula, mas também reforça a dimensão formativa da pesquisa, promovendo uma interação mais significativa entre pesquisador e participante. Assim, a escolha metodológica não se limita a uma técnica, mas se configura como um convite à co-construção de saberes, valorizando a singularidade das trajetórias de vida no ambiente educacional.

A opção pelo método (auto)biográfico de pesquisa possibilita uma maior aproximação com os sujeitos, mais liberdade para contar sua história de vida e

assim ao enveredar por esse aspecto subjetivo da pesquisa formação, associamos a pesquisa (auto)biográfica como meio importante e indispensável, que proporcionará ao sujeito por intermédio suas narrativas, olhar sobre suas experiências vividas, vislumbrar-se, norteando sua (auto)reflexão o que o levará conseqüentemente a um processo de transformar-se, (re)pensar suas ações e escolhas, no que se refere ao educador (re)avaliar seu trabalho docentes e suas práticas. Pereira (2015) afirma que:

Não apenas narramos, como nos reinventamos em nosso fazer, em nossas memórias, reflexões e aprendizagens, e nos encontramos nas histórias biografadas. Nossos saberes se entrecruzam a outros saberes e rememoramos nossas aprendizagens construídas nos caminhos e des-caminhos das experiências vividas. (PEREIRA, 2015 p. 106)

Percebemos então a importância do papel que as narrativas de si desempenham, não só para pesquisa, mas, principalmente para o sujeito narrador de suas vivências que poderá se encontrar nessa experiência intermediada por suas narrativas transformando-se em seu processo de aprendizagem, em seu trabalho, em suas ações, ou seja, em diversos aspectos enquanto sujeitos e protagonistas de suas histórias.

A compreensão da relevância das narrativas de si vai além do âmbito da pesquisa, estendendo-se de maneira significativa para a própria construção identitária do sujeito. Ao se tornar o narrador de suas vivências, o sujeito não apenas contribui para a produção de conhecimento, mas também se envolve em um processo de aprendizagem autônomo e reflexivo. Essa experiência mediada por suas narrativas não se restringe ao momento da pesquisa, transcende para influenciar seu cotidiano, seu desempenho profissional e suas decisões. Assim, as narrativas emergem como catalisadoras de transformações em múltiplos aspectos da vida do sujeito, conferindo-lhe o papel ativo de protagonista na tessitura de suas próprias histórias, consolidando uma relação intrínseca entre a expressão narrativa e a construção de sua identidade.

O que diferencia o método (auto)biográfico dos demais métodos é o que ele possibilita para o sujeito da pesquisa e para o investigador, que ao narrar, ao falar de si, ao escutar suas vivências mergulha num processo reflexivo constante de formação, assim recorreremos à pesquisa (auto)biográfica como ferramenta para apresentar algumas reflexões em torno de sua contribuição para o trabalho docente,

essencialmente no que se refere aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, pois, o método (auto)biográfico permite que seja:

[...] concedida uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam: nisso reside uma das suas principais qualidades, que o distinguem, aliás, da maior parte das metodologias de investigação em ciência sociais (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 23).

Partilhando da contribuição de Novóia e Finger (2010) que apresentam a pesquisa (auto)biográfica como um método que respeita a individualidade dos sujeitos como uma de suas principais características, concentramos inicialmente nossa pesquisa na metodologia de investigação (auto)biográfica, com utilização das narrativas, o diário de campo e as observações in loco como instrumentos investigativos norteadores, dessa forma reunirei elementos que auxiliarão na composição do meu trabalho científico investigativo. Porém, para atender aos objetivos propostos na pesquisa, há a necessidade de inserir também a pesquisa colaborativa dentro do estudo, pois pesquisar na ação, possibilita a realização de uma intervenção com a participação iminente dos sujeitos, entendendo-a como possibilidade de produzir conhecimentos, além de possibilitar crescimento, progresso profissional desses sujeitos, podendo ser também considerada como parte do processo de formação desse educador e educandos envolvidos na pesquisa. Sobre pesquisar na ação Ibiapina, 2008 salienta:

“Existem diferentes maneiras de pesquisar na ação, conquanto a prática de pesquisa que privilegia processos de intervenções que visam transformar determinada realidade, emancipando os indivíduos que dela participam, parece ser a modalidade de pesquisa-ação que, a partir da década de 1980, consolida-se no âmbito da educação”. (IBIAPINA 2008, p. 9)

Para Ibiapina existem diferentes modos de se pesquisar na ação, a autora ressalta que a intervenção, característica desse tipo de abordagem, tem como intenção a modificação de uma realidade estipulada para o desenvolvimento da abordagem, que possibilitará para os sujeitos envolvidos, seu processo de emancipação.

Ainda à luz de Ibiapina, a utilização da pesquisa colaborativa, vai de encontro a lógica da racionalidade técnica, que apenas visa a descrição e análise das práticas pedagógicas, num processo que não atende às reais necessidades dos indivíduos. Schön, 2000 compartilha sobre a racionalidade técnica, e afirma que



a prática consiste apenas na aplicação e reprodução de técnicas e teorias científicas, dessa forma negligencia, toda complexidade do processo formativo, educativo, caracterizando singularidade e conflito de valores. Dessa forma o processo da pesquisa torna-se empobrecido e ineficaz para atender as necessidades dos sujeitos.

Com a inserção da pesquisa colaborativa no estudo, o educador e os educandos juntos com o pesquisador tornam-se parte do processo investigativo, deixando de ser apenas os investigados e passando a investigar e intervir juntos. Nesse sentido a pesquisa colaborativa torna-se um dispositivo significativo de formação continuada, possibilitando a reflexão coletiva entre os sujeitos, pesquisador e pesquisado; a prática pedagógica; o processo de formação continuada, confrontando os elementos, as informações obtidas com as teorias científicas possibilitando (re)visitá-las e adequando-as às reais necessidades. O educador precisa problematizar sua prática e pensar criticamente sobre a realidade e necessidade de seus alunos. "A práxis [...] é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos." (FREIRE, 2011, p. 52). A realidade não se transforma se a prática não existir.

Dessa forma fica clara a necessidade da formação permanente do educador como sujeito do e para a práxis. Contudo para isso ele precisa ter uma visão de educação permanente. Freire nos diz sobre a formação do sujeito:

Isto significa ser o ser humano, enquanto histórico, um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo. (FREIRE, 1993, p. 18).

Na ótica de Freire o processo de formação do sujeito é inacabado, ocorre de forma permanente e ao longo da vida, ele usa o termo inconclusão do sujeito, porém chama atenção para a necessidade de ter essa consciência clara principalmente enquanto se é educador, pois somente dessa forma ocorrerá o pensar sobre a prática, o pensar reflexivo que promoverá a ação. Nesse sentido a pesquisa colaborativa, viabiliza aos sujeitos participantes do estudo, que eles busquem em sua prática condições de análise com enfoque no desenvolvimento da sua descrição e seguidamente busquem trabalhar no sentido de reconstruí-las.

Enquanto pesquisadora e profissional da EJA, percebi a necessidade de inserir a pesquisa colaborativa nesta investigação, levada pelo que venho observando há um período dentro das escolas públicas que trabalhei enquanto coordenadora

pedagógica, referente a passagem de alguns pesquisadores nessas classes. Em sua maioria há um distanciamento entre esses sujeitos. Há idas a campo do pesquisador, o mesmo coletava os dados e ao final, não sabíamos os resultados do que pesquisado. Fica evidente há necessidade de um feedback desse estudo para o corpo escolar ao final da pesquisa de campo, os resultados poderiam contribuir para um aprimoramento, revisão de posturas, práticas, ações, reflexões ou um mero conhecimento do que foi estudado. Nesse sentido a pesquisa colaborativa atende a necessidade subjetiva que pretendo trazer ao estudar a prática pedagógica desse educador, visando sua formação continuada e a aprendizagem dos estudantes, num processo dialógico de construção e reflexão coletiva. Vamos partilhar a ideia de Desgagné (1997, 2001) sobre o distanciamento que ocorre na educação em seus diversos aspectos.

“[...] no princípio deste século (XXI), começa-se a discutir que esse distanciamento é decorrente do fosso existente entre a universidade e a escola, entre teoria e prática, estando subentendido que os conhecimentos construídos sobre a prática, sob a responsabilidade das universidades e de suas faculdades de educação, não são transpostos para a escola, não ajudando, assim, os professores a melhor enfrentar a complexidade das situações educativas às quais eles se confrontam cotidianamente” (DESGAGNÉ. 1997, 2001, p. 30)

Parece claro que a questão da dicotomia dentro da educação ocorre há um longo período, como na situação entre o investigador e o campo de pesquisa, no caso da ausência de um retorno válido e necessário ao campo investigativo vislumbrando uma intervenção mínima no campo ou no sujeito. E as dicotomias perpassam principalmente a teoria e a prática dentro das salas de aula, e enveredar a investigação junto a pesquisa colaborativa, possibilitará uma aproximação mais proveitosa entre os sujeitos e permitirá uma inserção maior do pesquisador por sua característica interventiva dentro de toda construção do processo formativo dos sujeitos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

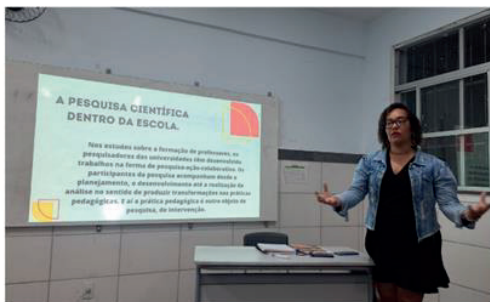
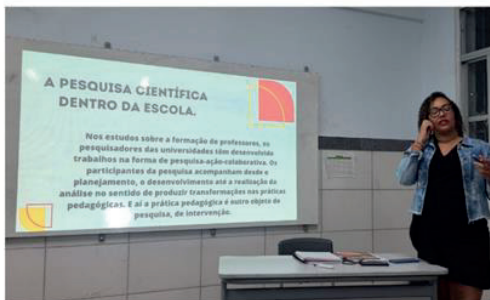
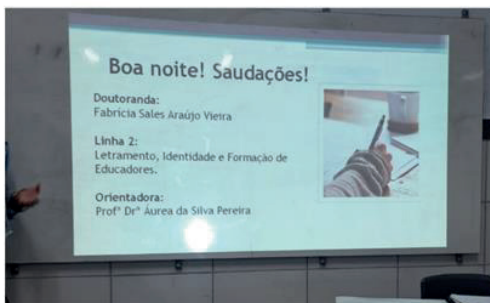
Esta primeira fase da pesquisa dentro da escola, ocorreu após os tramites burocráticos, teve seu ponto de partida, partindo de uma conversa com o professor

da turma de TAP III<sup>5</sup> onde conversamos sobre a pretensão de acompanhar a turma por um período e realizarmos uma proposta de intervenção baseados nas primeiras observações e entrevistas narrativas, visando a reflexão e aprimoramento de sua prática consequentemente o seu processo formativo e da aprendizagem dos estudantes. O professor, foi muito solícito e aceitou a contribuição que pretendo construir com eles sem embargo. Fiquei contente, pois, é muito difícil atualmente um professor sentir-se confortável com a presença de uma pessoa que não faz parte da comunidade escolar dentro do ambiente da sala de aula, e por se tratar de alunos da EJA, jovens, adultos e idosos, que se sentem envergonhados com alguém que não seja seu professor por terem dificuldade de leitura e escrita em sua maioria. Logo após esse momento com o professor, marcamos o dia para minha ida a sala de aula apresentar-me enquanto pesquisadora e convidá-los a integrar a pesquisa, como acordado compareci a turma, conversei com eles expliquei todo processo que seria realizado, as observações, a escuta das narrativas, logo após a construção da proposta coletiva com a participação deles e do professor da turma. Além da importância de eles participarem e opinarem nessa construção.

A partir desse momento, meu contato com o professor da turma torna-se mais frequente e durante diálogos que já considero como parte do processo formativo, percebemos a necessidade de explicar para turma algumas questões referentes a o que uma pesquisa, a relevância das pesquisas nas ciências, e conversar sobre o estudo que pretendo fazer com eles de forma mais substancial. Então organizei uma apresentação para a turma, que ocorreu no dia 01/08/2023 no noturno, onde além da classe e do professor, convidei a coordenação pedagogia e a gestão da escola, nesse dia estavam presentes na escola duas coordenadoras externas que acompanham a EJA nas escolas e foram convidadas a o participar do encontro organizado com o objetivo de apresentar para a comunidade escolar o que é pretendido ser realizado nesse período com o apoio deles e de forma coletiva. Segue o registro do momento.

---

5 Refere-se ao último ano do Ensino Fundamental I – Anos Iniciais



O passo seguinte foi à escuta das narrativas dos educandos e do educador. Esse período de escuta dos alunos levou em torno de duas semanas iniciadas logo após o diálogo na turma, que é composta de 11 alunos frequentes, os demais tem frequência irregular, característica comum nas turmas de EJA. A infrequência no noturno ocorre por diversos fatores como: o horário de trabalho; o desinteresse, a violência nas localidades próximas a escola ou no bairro que os educandos residem, problemas pessoais; dentre outros. Durante a escuta das narrativas, apenas solicitei deles que no primeiro momento falassem de como foi sua vivência da infância até a idade adulta e por quais motivos eles estavam na EJA e não estudaram no período correto, por último, referente ao aprendizado deles, o que eles achavam das aulas e quais as maiores dificuldades enfrentadas por eles na sala de aula. Esse último

questionamento é o aspecto de maior relevância para a intervenção proposta para sala. A seguir trago um trecho das narrativas.

*"[...] é para ler, eu mesmo se eu soltasse minha língua. É um sonho que eu quero, que eu tenho. Porque aí eu acho que eu vou voar, mas." (Aluna J.M – Entrevista Narrativa)*

*"[...] não sei ler não. Nada. Mas, eu quero aprender". (Aluno J.S Entrevista Narrativa)*

*"[...] eu sei ler um pouquinho, leio umas coisas. Já para de escrever, eu escrevo um pouquinho errado, mas fora isso é assim". (Aluno LG – Entrevista Narrativa)*

*"[...] meu nome eu já sabia, né. Conta fácil eu faço. Escrevo um pouco. Sei ler um pouco também porque, devagarzinho, devagarzinho eu estou aprendendo alguma coisa." (Aluno E.M – Entrevista Narrativa)*

*"[...] eu queria aprender, eu queria ler, eu queria ler, eu queria ler escrever que eu não conseguia. Conheço as letras, mas, não consigo juntar. Entendeu? Estou começando a juntar agora com o professor Rogério. (Aluna M.S – Entrevista Narrativa)*

Selecionei algumas, porém todas tem a mesma coisa em comum, a dificuldade de leitura e escritas em níveis diferentes, alguns perfis mais do que outros. O aluno E.M tem 62 anos e só teve acesso a escola na EJA, ingressou à escola antes da pandemia da Covid-19, ou seja, pelo menos esse ano ele não frequentou, sabe apenas assinar seu nome e diz que vai aprendendo devagarzinho. Já a aluna M.S tem dificuldade na junção dos fonemas para organizar a leitura das palavras. O que quero salientar é que todas as demandas são referentes a alfabetização e letramento. O primeiro se refere a capacidade desenvolvida pelo sujeito de ler e escrever, já o segundo ocupa-se da função social dessa leitura e escrita, processos complexos e que devem marchar juntos.

Diante desse aspecto constatado na turma, referente a dificuldade fonética, de leitura e escrita da turma em níveis diferentes, em um dos encontros com o professor da turma, resolvemos organizar oficinas de letramento, porém como há diferentes níveis na turma, nossa abordagem deve atender cada necessidade específica. Então decidimos iniciar a intervenção utilizando as narrativas como ponto de partida para trabalhar o sujeito baseados na perspectiva do método de Paulo Freire, aplicado em 1963, que vê a alfabetização além da decodificação de palavras, buscava alfabetizar partindo das histórias de vida dos alunos além do caráter social e político. Contudo o professor sente a necessidade de estudar o método para uma fundamentação teórica mais satisfatória e ajustes e adequações que serão

necessárias. Análise do professor em relação a sua prática pedagógica e sobre o método Paulo Freire de Alfabetização.

*"[...] não, essa é uma questão que para mim, que eu ainda acho que é falha dentro do meu trabalho, né? Que é não buscar na verdade. Esse embasamento. Tanto teórico, quanto da prática na realização dessas atividades. A verdade é que a gente vai buscando, né? A gente tenha busca enquanto método, em termos de trabalho. A gente vai pincelando na verdade, construindo a partir das diversas metodologias. Vamos tirando um pouquinho de cada para realizar o nosso trabalho". (Professor R.V – Entrevista Narrativa)*

Percebo que aparece dentro dessa fase inicial do estudo, a necessidade de dedicar um período de estudos e conversas com o educador sobre a aplicabilidade e ajuste do método de Freire para sua turma, visto que, há uma necessidade do mesmo em aprofundar e enriquecer seu conhecimento nesse aspecto. Essa fase da pesquisa será de extrema importância para a formação continuada do professor.

Saliento que este texto traz impressões iniciais coletadas em campo, através de observações, diálogos, escuta e análise de narrativas e encontros formativos que ocorrerão ao longo do processo investigativo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Enquanto profissional da EJA inserida no campo de pesquisa, vivencio as dificuldades que a modalidade enfrenta a cada ano letivo. O descaso, a ameaça de fechamento de turmas, a evasão, a falta de recursos, de projetos e currículo que atendam as reais necessidades dos sujeitos. Não tem como falar das práticas pedagógicas sem citar esses aspectos diretamente ligados ao seu funcionamento.

Optar por pesquisar as práticas metodológicas da EJA, dá seguimento a minha pesquisa de mestrado, onde trouxe as questões relacionadas aos saberes pedagógicos existentes na prática do educador, relacionados a sua formação continuada e a necessidade de uma prática reflexiva que reflita na ação. Porém, essa reflexão não é meramente refletir por refletir, precisa ser crítica e relacionada a teoria para que possa realmente atender às necessidades dos sujeitos.

Então, não basta refletir a ação, pois, se o fim dessa reflexão reside na busca de soluções para os problemas que afetam a ação, tal reflexão tem que apresentar caráter científico de modo a atingir conclusões confiáveis que venham a ser aplicadas na prática, modificando a ação inicial; e, gerando uma nova ação, a qual

será submetida a um novo processo de reflexão; e assim, sucessivamente, num processo dinâmico e dialético pensando sobre o pensar e o fazer.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2001, p. 42-43).

De acordo com Paulo Freire (2001), a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2001). Por isso, é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática (FREIRE, 2001).

Em uma das observações que realizei na aula do professor R.V, onde ele trabalhava com o gênero textual convite, o mesmo explicou o assunto para os alunos, com muita paciência, se dirigia em todas as mesas, orientava as atividades, se empenhava em atender todos os seus alunos, porém na organização do seu planejamento optou por escolher para levar a sala de aula como modelo para explicar o tema e realizar as atividades um convite de aniversário infantil da Minnie personagem muito conhecida dos estúdios Walt Disney<sup>6</sup>. Nesse aspecto, fica claro que o convite utilizado atenderia bem o público diurno, contudo para um trabalho mais proveitoso com os alunos da EJA poderia ter sido apresentado um convite para uma feira de empreendedorismo, para um show, um culto, aniversário de adulto, uma formatura. Opções não faltavam. Mas, é uma prática comum os educadores que trabalham com as classes diurnas aproveitarem as atividades para o noturno, não levando em conta suas necessidades e individualidades. Segue modelo da atividade utilizada.

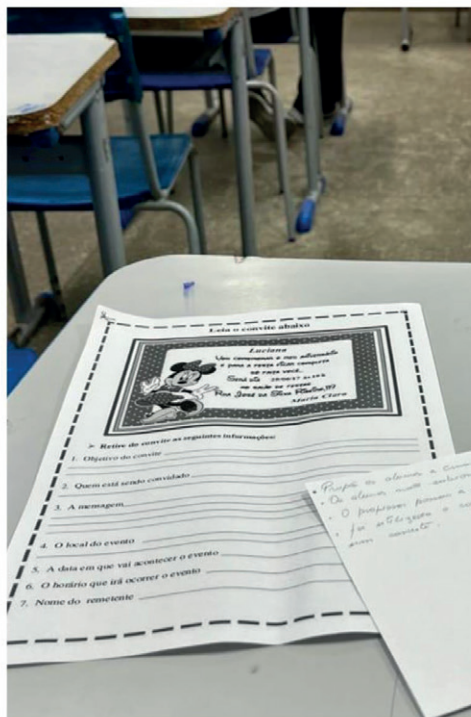
6 **The Walt Disney Studios** é uma divisão que desenvolve roteiros e supervisiona a produção cinematográfica, teatral e musical. Fundada em 1923

**Leia o convite abaixo**

**Luciana**  
 Vou comemorar o meu aniversário  
 e para a festa ficar completa  
 só falta você.  
 Será dia 29/06/17 às 19h  
 no salão de festas  
 Rua José da Silva Ribeiro, 119  
 Maria Clara

➤ Retire do convite as seguintes informações:

1. Objetivo do convite \_\_\_\_\_
2. Quem está sendo convidado \_\_\_\_\_
3. A mensagem \_\_\_\_\_
4. O local do evento \_\_\_\_\_
5. A data em que vai acontecer o evento \_\_\_\_\_
6. O horário que irá ocorrer o evento \_\_\_\_\_
7. Nome do remetente \_\_\_\_\_



Assim sendo, é necessário que o professor passe a pensar sobre suas escolhas metodológicas e abandone a reflexão o casual espontânea, e inicie um processo contínuo de reflexão sobre a sua prática, que aconteça antes, onde ele possa prever questionamentos que possam ocorrer, durante a realização da ação, onde a reflexão ocorre no decorrer da ação e depois da realização da ação, que proporcionará a reflexão de todas as etapas de planejamento e aplicação da ação. Que posteriormente poderá ocasionar para os educadores uma reflexão da reflexão na ação, dessa forma o educador enriquece seu processo de formação contínua, tendo como base sua prática pedagógica, transformando-a numa prática reflexiva, longa, organizada e colaborativa para o seu processo de formação. Em outras palavras, a curiosidade epistemológica deve substituir a curiosidade espontânea: “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996).

Porém, ser um professor reflexivo, é uma tarefa árdua, pois, os educadores não foram formados para serem reflexivos, as licenciaturas ensinam teorias, deixando de lado as situações reais que ocorrem dentro das salas de aula, principalmente nas salas de escolas públicas e de EJA. Vejamos o que nos diz Ibiapiana,



(2008) sobre a relação entre a pesquisa colaborativa escolhida aqui para conduzir o estudo e a necessidade do educador de realizar uma prática crítico-reflexiva.

“Destaco ainda que a relevância da reflexão crítica co-partilhada sobre as práticas docentes está em refutar a oposição entre o conhecimento prático e o teórico, especialmente no contexto de pesquisa, em que essa oposição não deve ocorrer, uma vez que a teoria e prática não se excluem, complementam-se. O conhecimento prático deve se articular ao teórico e vice-versa, portanto refletir sobre a prática envolve tanto a necessidade de rever a teoria quanto de desvelar vicissitudes da ação docente”(IBIAPINA, 2008, p. 18)

Ratificando a fala da autora no que se refere à aula realizada na sala para os alunos sobre: convite, onde ocorreu a utilização de recursos metodológico infantilizados, usados em outras salas e que não atenderam satisfatoriamente a necessidade dos alunos. Durante a aula, até pelas dificuldades deles de leitura e escrita que eles possuem, dificultou ainda mais o entendimento de alguns, nos questionamentos orais durante a aula, sobre o local o horário, endereço. Um ou outro que tem uma leitura mais fluente conseguia participar.

Então há uma necessidade urgente de se revisitar as práticas pedagógicas e adequá-las as necessidades reais da turma, para que aconteça uma aprendizagem significativa para esses sujeitos. O educador independente onde atua precisa ser crítico-reflexivo e revisitar constantemente sua prática refletindo sobre ela antes, durante e depois, num movimento contínuo que reflitam ações significativas para os sujeitos, e que o educador tenha consciência do seu processo formativo acontecendo durante a prática pedagógica sempre alinhado ao conhecimento científico.

Espera-se que ao final do estudo, ele possa contribuir para a formação permanente desses educadores integrantes da EJA, para que possa ocorrer mesmo perante práticas metodológicas e instrumentos diversos nem sempre se pode garantir aprendizagens qualitativas para esses sujeitos, espera-se que este estudo possibilite para esse público um olhar atencioso para tais práticas revitalizando-as em favor da EJA.

## REFERÊNCIAS

---

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma fusão entre pesquisadores acadêmicos e professores praticantes. Tradução de CARVALHO, T.P. Revue des sciences de l'éducation, v. 23, n. 2, p. 371-393. 1997.

FREIRE, A. M. A. (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2001. (Série Paulo Freire). Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Pesquisa colaborativa: Investigação, formação e produção de Conhecimentos. Editora: Líber Livro Editora, 2008.

Método Paulo Freire de Alfabetização. <https://www.andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao>. Acesso em 17/11/2023.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PEREIRA, Áurea da Silva. Práticas de Pesquisa Autobiográfica. Letramentos, Memórias e Narrativas. 1ª. ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. v. 122 p.

SCHÖN, Donald. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Walt Disney Studios. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Walt\\_Disney\\_Studios](https://pt.wikipedia.org/wiki/Walt_Disney_Studios). Acesso em 17/11/2023.